

O ENSINO SUPERIOR E A PROFISSÃO DE PROFESSORA: OS DESAFIOS DA MULHER NO SÉCULO XXI

Sirlei de Lourdes Lauxen¹

Carla Rosane da Silva Tavares Alves²

Andreia Mainardi Contri³

Bruna Sinigaglia⁴

Marília Basílio Puglia⁵

Viviane Machado Herthal⁶

Resumo: O século XXI apresenta grandes mudanças e nelas intensifica-se a discussão sobre o papel da mulher na sociedade brasileira. Se concordamos que é imprescindível a garantia do exercício da cidadania para que haja justiça social, também devemos concordar que sem igualdade não há cidadania. Apesar das conquistas, a luta da mulher pelo respeito à igualdade e consequente justiça social está presente ainda em muitos setores das profissões, na sociedade atual. Diante disso, as indagações que norteiam a presente pesquisa centram-se em: Que desafios a professora da sociedade atual enfrenta? Diante de uma variedade de fatores econômicos, sociais, políticos e ideológicos, de que forma a professora dos dias de hoje enfrenta os problemas de seu tempo? Nessa perspectiva, o objetivo geral da pesquisa é analisar o papel da mulher, enquanto professora do ensino superior. Para tanto, o *corpus* investigativo situa-se nas produções de teses e dissertações presentes no Sistema do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia –IBICIT/MCT/BR, no período de 2013-2016. Dessa forma, a metodologia adotada configura-se a partir da seleção e análise de títulos e resumos, tendo como temática o ensino superior e o papel social da professora, resultando daí duas grandes categorias: desafios enfrentados e vivências construídas. Os resultados indicam os desafios e os avanços nas conquistas da inserção no ensino superior.

Palavras-chave: Educação. Ensino Superior. Igualdade.

¹ Doutora em Educação (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (Unicruz). Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo de estudo e Pesquisa em Práticas Sociais - NEPPS. E-mail: s.lauxen@hotmail.com

² Doutora em Letras (UFRGS). Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (Unicruz). 1ª Líder do GEPELC. Orientadora da pesquisa E-mail: ctavares@unicruz.edu.br

³ Graduada em Letras (Unicruz). Especialista em Gestão e Organização Escolar. Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social pela Universidade de Cruz Alta (Unicruz). Bolsista CAPES. Membro discente do GEPELC. E-mail: deiamainardi@bol.com.br

⁴ Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (Unicruz). Bolsista Capes/Prosup. Advogada inscrita na OAB/RS Graduada em Direito, especialista em Gestão e Legislação Trabalhista. Membro discente do GEPELC. E-mail: brunasinigaglia@hotmail.com.

⁵ Licenciada em Educação Física (Unicruz). Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (Unicruz). Bolsista Capes/Prosup. E-mail: mariliabpuglia@gmail.com

⁶ Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. E-mail: vivierthal_2811@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos a mulher conquistou novos espaços laborais. Isso se deu principalmente após o processo de industrialização, que precisou reforçar seus trabalhadores e qualificá-los para a produção, em concomitância com a luta incessante de feministas na busca pela igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Diante da globalização que os segmentos sociais vivenciam e das mais diferentes manifestações de igualdade social, a mulher amplia seu espaço de atuação dia a dia, mas ainda luta pelo respeito à igualdade de direitos e valorização em muitos setores, principalmente o da atuação no ensino superior.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o papel da mulher, enquanto professora do ensino superior, a partir dos desafios enfrentados por ela na busca pelo reconhecimento e espaço no ambiente acadêmico, bem como suas vivências já construídas que consolidam a mulher nas mais diversas formações.

A metodologia adotada configura-se a partir da seleção e análise de títulos e resumos, tendo como temática o ensino superior e o papel social da professora em teses e dissertações e por isso tem caráter bibliográfico. O *corpus* investigativo situa-se nas produções no Sistema do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICIT/MCT/BR, no período de 2013-2016.

Inicialmente, é necessário trazer recortes do processo histórico da inserção da mulher no mercado de trabalho, principalmente na profissão do magistério, para que se possa compreender alguns fatores que se revelam ainda hoje em sua profissão.

O processo de inserção da mulher no magistério como profissão, vem enraizado pelos conceitos de maternidade, cuidado com os filhos e uma continuidade do trabalho do lar, profissão que lhe garantiria sua independência e não concorreria fortemente com a dos homens. Essa afirmação justifica-se na passagem de Almeida (2014, p.924) ao se referenciar às mulheres e sua profissão,

[...] era importante que exercessem uma profissão, no caso, o magistério, e colaborassem na formação das gerações futuras. Porém, não poderiam exercer profissões nas quais concorressem com os homens, ressaltando-se que a missão principal de suas vidas era a geração e a criação de filhos saudáveis para o país em desenvolvimento. (ALMEIDA, 2014, p. 924).

Por isso, inserir-se no ensino superior, por muito tempo era uma tarefa quase inexecutável, destinada somente aos homens. E até hoje vem em desvantagem em relação com o gênero masculino. Conforme dados do CNPQ/Lattes⁷, Crispin (2015, p. 51) aponta que os professores doutores do sexo feminino representam 47%, enquanto que os professores doutores do sexo masculino representam 52%. Afirma em seus estudos, que uma das justificativas para a descontinuidade dos estudos recai sobre as atividades femininas como a maternidade e de dedicação de atividades do lar ainda regidas sob uma cultura arcaica de valores que apresenta grandes desafios.

Desafios da profissão professora nos dias atuais

Na análise dos desafios da profissão de professora, evidenciam-se algumas questões, tais como a dificuldade de inserção feminina em cursos superiores tecnológicos, de engenharias, arquiteturas. Cursos com bons pagamentos salariais, conduzidos em sua maioria por homens, por serem culturalmente estereotipados por terem maior capacidade de raciocínio lógico.

Na área das Ciências Sociais no campo das humanidades, demonstram que a inserção das mulheres nas áreas em que os homens por muito tempo dominaram ainda é lenta. Essas colocações evidenciam-se na pesquisa do autor Nogueira (2011, p.1-2), que explica um pouco dos percentuais femininos e masculinos em cursos superiores,

No campo de Linguística, Letras e Artes, elas chegam a 67%, e nas Ciências da Saúde, a 60%. Nas Ciências Exatas, porém, são apenas 33% e nas Engenharias, 26%. [...]Essa concentração em certas subáreas é verificada mesmo nos campos onde a presença das mulheres é grande, como as Ciências Sociais Aplicadas. No Brasil, elas são a maior parte dos pesquisadores em Economia Doméstica (88%) e Serviço Social (82%), mas minoria em Economia (31%) e Direito (40%). [...] os números confirmam a tendência de destinar “as atividades de finanças e gerência para os homens, bem como a tradição de jurista, cabendo à mulher a economia do lar e o atendimento à sociedade” (NOGUEIRA, 2011, p. 1-2).

Esses estereótipos culturais influenciam as mulheres na hora da escolha da sua profissão levando-as para as áreas que buscam a compreensão da sociedade, família, que estudam valores sociais. Numa perpetuação de conceitos que inferiorizam a mulher frente às suas capacidades de escolhas a atuação no mercado de trabalho.

⁷ <http://estatico.cnpq.br/painelLattes/sexofaixaetaria/>

Historicamente a mulher esteve à frente do magistério para a educação básica e não para o ensino superior devido as crenças de sua capacidade, que segundo a sociedade, estavam mais ligadas à vocação feminina de educar, da maternidade, dos cuidados com os filhos, sendo uma continuidade do trabalho do lar.

Souza e Mendes pontuam que “[...] o mito da incapacidade das mulheres quanto às habilidades cognitivas matemáticas é falso e que não passa de uma “armadilha” criada pelo poder patriarcal [...]” (SOUZA; MENEZES, 2013, p. 105-106). Criações que inferiorizam a mulher e que por muito tempo as colocaram na submissão de seus companheiros num jogo social de interesse e poder de uns sobre os outros.

Esse paradigma de inferiorização socialmente construído coloca de um lado as profissões mais ocupadas pelas mulheres e por isso com salários inferiores e de outro, as do sexo masculino, com prestígio garantido no mercado de trabalho. Tais contraposições segregam a desigualdade de gênero que persiste ainda na sociedade contemporânea, homens e mulheres ainda permanecem como seres distintos, uns destinados a grandes empregos e outro às atividades domésticas em consonância com a laboral.

Apesar das mudanças sociais e culturais da contemporaneidade, identificou-se a partir da pesquisa no banco de dissertações e teses que a mulher enfrenta dificuldades para se afirmar nas carreiras de educação em nível superior tendo em vista que algumas áreas ainda são predominantemente masculinas. Contudo, esses obstáculos tendem a se ampliar ainda mais quando trata-se de mulheres negras, as quais precisam vencer o racismo em razão da cor e a discriminação em razão do sexo.

Os papéis femininos eram considerados secundários em relação aos dos homens e para a mulher negra, esses papéis eram ainda mais subalternos que os da mulher branca. Inserida no “[...] mundo masculino do homem branco [...]”, a mulher negra carrega uma história de exploração no mundo do trabalho decorrente da escravidão que até nos dias atuais geram reflexos em suas carreiras profissionais evidenciando que, “[...] viver como mulher negra é atravessar obstáculos” (SILVA, 2013, p. 55-57).

Inserir-se em um mercado de trabalho que já discrimina mulheres brancas corresponde a uma árdua trajetória para a mulher negra, principalmente quando versa sobre profissões masculinizadas. O acesso da mulher negra nas universidades foi mais moroso que o da mulher branca em razão das discriminações raciais, econômicas e sociais que estão enraizadas no cerne da sociedade brasileira.

Assim como em grande parte dos espaços sociais, a Universidade também não está livre do racismo, pelo contrário, pois até pouco tempo o Ensino Superior era um

privilégio dos grupos com maior poder econômico e social que buscavam preservar as estruturas de uma sociedade racista e machista. Em relação ao racismo, Silva (2013, p. 128), refere que esse é um dos principais empecilhos para a ascensão da mulher negra na Educação Superior, onde mesmo qualificada, acabam excluídas por critérios de cor.

Quando já formadas e tituladas, essas mulheres negras doutoras explicitam que precisam ultrapassar outras barreiras, que não têm outra origem que não seja o racismo estratificado na sociedade, impondo a elas obstáculos cheios de sutilezas, ofuscados na meritocracia acadêmica (SILVA, 2013, p.128).

De acordo com a tese de Silva (2013, p. 120), dentre os motivos que levaram as mulheres negras, integrantes do *corpus* da pesquisa, a buscarem a profissão da docência no ensino superior, destaca-se a influência das mães e avós que as incentivaram a buscar na educação uma condição social mais valorizada onde seriam vista sem os olhos do preconceito, exercendo uma profissão na qual seriam respeitadas. Ademais, o estímulo pela docente decorre do convencimento de que ela seja “[...] uma profissão que ajuda a fazer face ao racismo e superá-lo na sociedade” a partir da utilização do espaço acadêmico como um lugar para sensibilizar jovens, adultos e até mesmo idosos acerca da necessidade de igualdade entre sexos, raças, cor e respeito com o outro.

Apesar do profundo contexto de discriminação, pois conforme refere Quadros (2015, p. 89), “[...] ser mulher e ser negra, no Brasil, significa estar inserida em um mundo de marginalização e discriminação social racial [...]”, a profissão docente no ensino superior representa para a mulher, e em especial, à mulher negra, uma conquista emancipatória em espaços nos quais eram excluídas. A superação do preconceito e a construção de uma carreira profissional é o que dá visibilidade à mulher na sociedade, permitindo com que ela participe da vida social e da formação de futuros profissionais com o mesmo grau de importância que o homem.

Em meio aos desafios da profissão de professora no ensino superior nos dias atuais, vislumbrou-se a que a vida doméstica também é apontada como um entrave na construção da carreira profissional da mulher, que por vezes, cumula os papéis de mãe, esposa e profissional. Essa sobrecarga que a mulher vivencia é fruto da divisão sexual do trabalho socialmente construída e que ainda atribui à exclusividade das tarefas domésticas (filhos e família) à mulher.

A partir do momento que a mulher conquista o mercado de trabalho e assume espaços até então considerados masculinos, como a universidade, as responsabilidades do lar não passam a ser divididas com o homem, o qual se dedica apenas a vida profissional,

por mais que a mulher contribua financeiramente com o sustento da casa. A obrigação da mulher em relação aos assuntos domésticos acaba limitando sua atuação profissional ou até mesmo postergando sua ascensão na carreira escolhida, colocando-a em situação de inferioridade em relação ao homem.

A quádrupla carga de trabalho que as docentes narram: mulher, esposa, mãe e profissional entram em confronto em torno das exigências da política neoliberal das universidades impressas pela competitividade, produção e (re)qualificação continuada, de modo que as mulheres estão sempre em desvantagem que os homens, que têm o apoio cultural disseminado socialmente de se dedicar, predominantemente à vida profissional (NUNES, 2014, p. 148).

Os conflitos que surgem entre mulher, família e profissão as tornam mais vulneráveis a renunciar a formação e a carreira profissional em prol da família, principalmente dos filhos. Já o homem por carregar apenas a incumbência da vida pública, dedica-se a formação profissional com maior facilidade, pois além de estar desempenhando profissões consagradas pelo sexo masculino, também não sofre os impactos da vida familiar.

Suarez (2016, p.22) identificou que em razão dos reflexos que as responsabilidades domésticas acarretam à mulher, elas estão deixando ou retardando o casamento e os filhos em favor da carreira profissional. Dos entrevistados pela autora para a elaboração de sua dissertação, apurou-se que 79,3% dos homens são casados, em contrapartida a 69,7% das mulheres, concluindo-se que a família não representa um obstáculo para a profissão do homem assim como para a da mulher.

Dentre os desafios de conciliar a vida familiar com a profissional, a maternidade ainda é um dos pontos que causa maior turbulência para a mulher, pois além do seu desgaste com os cuidados com o filho, o afastamento do trabalho também representa desvantagem. No campo da Educação Superior, a colisão entre maternidade, profissão e família também está presente e se acentua em razão da competitividade entre a mulher e o homem e entre as próprias mulheres, sendo que, a academia exige da mulher maior produção científica para que ela seja reconhecida com o mesmo potencial que o homem (SUAREZ, 2016).

O embaraço ocasionado pela vida familiar na profissão da mulher professora precisa ser colocado em pauta para que a sociedade e a própria família desconstrua a “[...] cultura masculinizante de dominação e opressão que descarta a conciliação de tarefas profissionais e domésticas entre homens e mulheres, de modo que haja condições

semelhantes de recursos e oportunidades”. A divisão das responsabilidades e funções do lar são as mesmas para o homem e a mulher na atualidade, sendo que, da mesma forma como a mulher contribui para a carreira profissional do marido e com o sustento da casa, compete ao homem agir reciprocamente (NUNES, 2014, p. 57).

A superação dos desafios pela mulher professora no ensino superior

A partir do século XXI começou-se a ouvir falar das políticas públicas para o acesso ao ensino superior, iniciando uma democratização do ingresso às universidades que em épocas anteriores era predominante restrito aos homens e pessoas oriundas de classe econômica favorecida.

As mulheres começaram a ocupar lugar de destaque nos bancos das universidades e se tornar grande número entre os estudantes do ensino superior e a partir dessa inserção no meio educacional, intensificou-se o interesse das mulheres em se qualificarem nas mais diversas áreas de atuação. A respeito das Políticas Públicas responsáveis por abrir as portas do ensino superior à mulher, Santos (2014, p. 57) destaca que:

O crescente número de mulheres que ingressam em Universidades tem sido maior que o número de homens, o que é consequência dos resultados obtidos através das Políticas Públicas que preveem a diminuição da discriminação, do preconceito e da violência enfrentada pelas mulheres desde os primórdios.

A qualificação profissional a partir dos cursos de graduação representa para o sexo feminino a ruptura do paradigma socialmente construído que as mantinham presas na esfera do lar, sem instrução e sem um trabalho assalariado, pois as tarefas domésticas ainda na atualidade constituem um ofício sem reconhecimento e remuneração. Quando a mulher ingressa na universidade e conseqüentemente, em profissões ditas como masculinas, o rompimento das barreiras do preconceito e da discriminação vão colaborando para o aumento expressivo de mulheres em busca de conhecimento em distintas áreas, assim como, iniciam a atuar como docentes no ensino superior, compartilhando com o homem o compromisso da formação de futuros profissionais.

No primeiro subtítulo deste estudo, apresentamos os grandes desafios enfrentados pelas mulheres no exercício da docência apontados a partir da análise de teses e dissertações que envolvem a temática e que indicam os dilemas que precisavam enfrentar diariamente. Dentre os obstáculos verificados, fatores como discriminação, racismo, machismo e principalmente a inferiorização da capacidade intelectual da mulher, são os

impasses mais frequentes durante a trajetória da mulher em busca de emancipação e reconhecimento profissional no ensino superior.

Hoje as mulheres trilham um caminho de sucesso dentro do meio acadêmico, resultado de incansáveis lutas, resistência, empenho e qualificação que as auxiliaram a provar e garantir o seu papel como protagonista na educação superior, ocupando cargos de extrema importância que antes só poderiam ser ocupados por homens.

Podemos atribuir muitas dessas conquistas a contribuição do movimento feminista que tem como objetivo a luta e reivindicação por igualdade de direitos entre homens e mulheres. Esse movimento atua de modo incansável para garantir a participação da mulher nos mais distintos espaços da sociedade, bem como, para garantir o respeito à liberdade de expressão da mulher e o combate da imagem imposta pelo homem.

O movimento feminista foi um importante aliado na conquista de direitos que vão desde o voto, o acesso à educação e o trabalho assalariado, conferindo visibilidade à mulher em uma sociedade machista que a oprimia e desvalorizava pelo simples fato de ser mulher. A mulher era vista pela sociedade com olhos de inferioridade, sua existência só não era mais insignificante e desprezível para os homens em razão de serem elas quem lhes davam os filhos, alguns inclusive chegavam a alegar que a mulher se quer possuía alma, porém, frente as transformações impulsionadas por longos anos pelos movimentos sociais, ideológicos e políticos, a mulher passou a ser considerada “atriz” de sua própria vida, aquela que é responsável por escrever sua história e lutar por reconhecimento e valorização na família e na sociedade (TOURAINÉ, p.31, 2007).

No Brasil, o feminismo começou a se fortalecer no final do século XIX, início do século XX e recebeu influência dos movimentos da Europa nos quais as mulheres lutavam em busca de igualdade e pelo fim da discriminação e dominação masculina na esfera privada e pública. Em relação às notáveis contribuições desse movimento na consolidação profissional da mulher, inclusive na carreira docente no ensino superior, ALVES e ALVES (2013, p. 5), destacam que:

[...] percebe-se que a principal luta do movimento feminista é combater a opressão a que estão sujeitas as mulheres, as quais almejam alcançar autonomia e protagonismo na sociedade, defendendo a igualdade de direitos entre homens e mulheres. É importante que as ideias e causas deste movimento sejam conhecidas por todos os cidadãos e sejam levadas à frente nas lutas sociais, a fim de que haja alguma mudança sobre o conceito de mulher na sociedade e sobre o seu papel dentro desta (ALVES; ALVES, 2013, p. 5).

Na medida em que o movimento atrai muitas adeptas e ganha visibilidade da mídia e da sociedade em geral, ele contribui significativamente para a quebra de paradigmas que eram associados ao papel da mulher seja na família, na universidade ou no mercado de trabalho. Além de consideráveis contribuições, na contemporaneidade essa luta continua, eis que, a igualdade entre homem e mulher ainda não está consolidada no meio social e familiar, o que gera limitações na vida profissional da mulher em razão da cumulação de “responsabilidades” culturalmente atribuídas ao sexo feminino.

A educação no Brasil contribuiu durante muito tempo com a manutenção de práticas discriminatórias em razão do sexo e com a ideologia machista do desprestígio a capacidade intelectual da mulher. Isso se justifica em razão de que a educação era constituída apenas com a participação masculina, somente a eles competia à oportunidade de estudar e se qualificar, assim como, por ser a profissão de professor no ensino superior um ofício exclusivamente para o homem, já que a mulher nem ao menos conseguia estudar, eternizava-se a continuidade dessas práticas de inferiorização e subordinação ensinadas pelo homem-professor ao homem-aluno.

Apesar de a educação ter representado um instrumento de propagação da discriminação à mulher, através de movimentos e lutas sociais esse papel foi modificado. A partir do momento em que a mulher passa a ter acesso à educação nos mesmos níveis que o homem, o ensino torna-se um dos principais responsáveis pela emancipação e reconhecimento dos grupos historicamente excluídos, como é o caso da mulher na sociedade brasileira. Percebe-se que a educação foi e ainda é uma das ferramentas responsáveis por conferir destaque da mulher na sociedade, comprovando que sua capacidade intelectual não é inferior a do homem.

O ingresso das mulheres no ensino superior se deu pelas incansáveis lutas e manifestações em busca da independência, onde as Políticas Públicas Educacionais tiveram efeitos positivos e progressivos no desenvolvimento do Brasil. Estes dados mostram que a participação no meio universitário tem sido feita, em sua maioria, pelas mulheres, que com a conquista de novos direitos e de espaço na sociedade tem buscado uma qualificação e vem se destacando no mercado de trabalho (SANTOS, 2014, p. 56).

O aumento considerável de mulheres no ensino superior principalmente a partir do século XXI, onde novas áreas do conhecimento recebem a atuação feminina, reflete na crescente expansão de mão de obra feminina qualificada no mercado de trabalho brasileiro. No tocante ao ensino superior, a mulher vem ganhando espaço e destaque

atuando em cursos que até então eram formados na sua totalidade por professores do sexo masculino, como é o caso das engenharias e das ciências exatas, campo de atuação que foi conquistado através da qualificação que em alguns casos já supera a dos homens.

Atualmente, ainda que em pequena escala, em praticamente todos os cursos universitários a mulher está presente entre os membros do corpo docente, isso é consequência da luta em combate a discriminação e o preconceito enfrentado pela mulher na universidade. Dessa forma, à medida que as mudanças impulsionadas pelos movimentos ideológicos, políticos e sociais viabilizam o ingresso da mulher à educação e ao mercado de trabalho, assim como, a partir das transformações estruturais das famílias, a mulher encontra forças e incentivo para superar os desafios diários impostos a sua carreira profissional nas mais diversas áreas de atuação (SANTOS, 2014, p.59).

Apesar da superação de muitos dos desafios enfrentados pela mulher professora no ensino superior, percebemos que muitos deles ainda são velados nas práticas diárias das relações de trabalho e no convívio social. Em meio a tantos obstáculos, aventurar-se na carreira de professora não é uma tarefa fácil, pois ensinar é uma tarefa complexa, rodeada de ideias e pensamentos analíticos que exigem visões críticas e capacidades de imaginar, indagar e criar.

As vivências das professoras em pleno século XXI salientam que são muitas as situações com as quais se deparam diariamente, tanto dentro da sala de aula quanto no ambiente universitário em geral. Diante disso, na prática cotidiana, a educadora precisa estar preparada para construir novas estratégias de ação e posturas para superar os possíveis desafios que venham a surgir, de modo a enfrentar o problema da discriminação e preconceito que ainda encontramos em nossa sociedade.

Acerca da complexidade da docência Hoffmann (1993, p. 75) refere que “[...] o professor deve assumir a responsabilidade de refletir sobre toda a produção de conhecimento do aluno, promovendo o movimento, favorecendo a iniciativa e a curiosidade no perguntar e no responder e construindo novos saberes junto com os alunos”, nesse sentido, enfrentar o desafio de ensinar o novo, o inusitado, diante da modernidade dos dias atuais e do avanço tecnológico, nos remete a pensar sobre a missão desses professores em ensinar.

A trajetória da mulher em busca da consagração da profissão de professora no ensino superior, dividindo com o homem um espaço que inicialmente era unicamente seu, representa mais que apenas uma evolução feminina, mas, sobretudo, a conquista de ideais de igualdade entre seres da mesma espécie que compartilham das mesmas capacidades e

potenciais. Apesar de lentas e graduais, as transformações sociais e familiares libertaram a mulher da vida doméstica e lhes apresentaram o mundo que era formado apenas por homens, assim, aos poucos a mulher vai conquistando espaço e valorização nos espaços sociais, comprovando que possuem qualificação e competência para encerrar as mesmas profissões que os homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou algumas discussões sobre o papel da mulher como professora no ensino superior apontando para desafios a serem vencidos e algumas vivências já construídas ao longo dos anos, a partir da pesquisa no Sistema do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia –IBICIT/MCT/BR, no período de 2013-2016 em teses e dissertações sobre a temática.

Inicialmente, diante dos resultados encontrados na pesquisa bibliográfica, fez-se a discussão do processo histórico de formação da profissão do magistério, que desde o seu primórdio, vem marcado pela diferença de gênero. A profissão era considerada uma extensão do lar, de baixo valor tanto financeiro quanto à valorização pelo gênero masculino, já que este, ficaria com as profissões mais especializadas e com valor monetário maior.

Diante de uma sociedade que se constituiu a partir de concepções preconceituosas, a mulher negra vem quebrando algumas regras e construindo um espaço que aos poucos valoriza a diversidade e a igualdade de direitos. Diante do seu maior desafio, a professora negra assume o compromisso de romper com as barreiras do preconceito e de fazer dos seus discentes, pessoas humanizadas que possam ser capazes de praticar a justiça social pelo viés da igualdade.

Retomando algumas considerações sobre as vivências já consolidadas, que garantem à mulher professora seu prestígio, está a criação de políticas públicas de acesso e permanência no ensino superior. Por meio destes acessos, a mulher consolidou sua profissão e rompeu com o paradigma machista, saindo do cenário de profissão como extensão do lar para os diferentes espaços de formação de futuros profissionais na docência no ensino superior.

Por muito tempo, os espaços educacionais transferiram práticas excludentes que inferiorizavam as mulheres, com o avanço da educação em todos os seus aspectos, esta

passa a ser uma das principais aliadas das lutas feministas. A partir do momento em que o gênero masculino e feminino passam a ter os mesmos direitos quanto aos níveis de ensino, as mulheres tiveram a oportunidade de mostrar todo o seu potencial e garantir grandes espaço de atuação, desmistificando práticas sociais que se construíram em desfavor do feminino.

Destaca-se também, a importância do movimento feminista, pois este, desde a sua constituição primou pelo empoderamento da mulher nos diferentes espaços, inclusive no ensino superior. Na incansável luta para que estas, tenham na sociedade um espaço valorizado e de independência, saindo da condição de submissão, que por muito tempo predominou, inclusive no mito da menor capacidade intelectual, para ser protagonista da sua vida.

É com esses argumentos e estudos de categorias que se percebe o quanto as mulheres lutam nos mais variados espaços, especialmente no do ensino superior, para que se possa realmente ter, em pleno século XXI, o devido reconhecimento e o direito à igualdade que profere a Constituição Federal e os Direitos Humanos. Pois modificar condutas históricas, ideologias predominantes é um desafio diário que perpassa por grandes enfrentamentos sociais.

Entre os dados coletados nas dissertações e teses do Sistema do Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia IBICIT/MCT/BR encontra-se que, mesmo nos dias atuais estudos apontam que o números de professores mestres entre o gênero masculino e feminino é quase igualitário, mas de professores doutores ainda o gênero masculino perpetua.

Muito se avançou, principalmente na quebra de alguns tabus que inferiorizavam as mulheres, mas muito ainda tem que ser feito, para que essa prática de igualdade de gênero possa efetivamente estar presente na sociedade e se possa chegar num pleno exercício de cidadania. A sociedade não pode ser pensada a partir de gêneros, de superioridade e inferioridade, mas sim de igualdade e respeito entre a diversidade existente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. Letramento e escrituras: as professoras no contexto do simbólico das práticas de formação e profissionalização docente. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 911-937, 2014.

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Carina da Silva. **As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres**. IV Seminário CETROS. Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social. Fortaleza – CE, Mai. 2013. Disponível em: <
http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

CRISPIN, Ana Laura. **Trabalho e gênero: análise da feminização e feminilização na docência do ensino superior na universidade do extremo sul catarinense**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc, 2015. Disponível em: <
<http://repositorio.unesc.net/handle/1/4349>>, acesso em: 17. Out. 2017.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. POA: Educação e Realidade, 1993.

NOGUEIRA, Pablo. **A Ciência das mulheres**. Revista Unesp Ciência, n. 17, Ano 2, Mar/2011, p. 19-22.

NUNES, Suzana Mary de Andrade. **Uma leitura de histórias de vida de mulheres docentes da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade do Porto**. 2014. 263 f.. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – SE, 2014. Disponível em: <
https://bdtd.ufs.br/bitstream/tede/1620/1/SUZANA_MARY_ANDRADE_NUNES.pdf
>. Acesso em: 17.Out. 2017

QUADROS, Tatiana Flores de. **Vida de mulheres negras, professoras universitárias na Universidade Federal de Santa Maria**. 2015. 99f.. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Santa Maria – RS, 2015. Disponível em: <
http://cascavel.ufsm.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7803>. Acesso em: 17.Out. 2017.

SANTOS; Maíra Barbosa. **A participação das mulheres no ensino superior**. Revistas Três Pontos. Belo Horizonte/MG, v. 11. n 1, 2014. p. 47-59. Disponível em: <
<https://seer.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/2660/2036>>. Acesso em: 17.Out. 2017

SILVA, Maria de Lourdes. **Enfrentamento ao racismo e discriminação na educação superior: experiências de mulheres negras na construção da carreira docente**. 2013. 241 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 2013. Disponível em: <
<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2314/5412.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17.Out. 2017

SOUZA, A. M. F.; MENEZES, M. B. Gênero e trabalho no campo da Matemática: breve história e notas sobre um diagnóstico preliminar. In: YANNOULAS, S. C. (Coord.). **Trabalhadoras: Análise da feminização das profissões**. Brasília: Abaré, 2013.

SUAREZ, Fernanda Chiozzini Martins. **Assimetria de gênero na academia: a carreira profissional e a vida doméstica de docentes e pesquisadores das Ciências**

Exatas. 2016. 101 f.. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa –MG, 2016. Disponível em: <
<http://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/9876/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17.Out. 2017

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres.** Rio de Janeiro: Vozes, 2007.